

O Sagrado e o Processo de Individuação

Maytê Romero

Quando pensamos em processo de individuação, pensamos em um processo de desenvolvimento psíquico que visa à evolução do ser humano. O processo de individuação é um processo de realização da própria vida, da realização do Divino no homem, pois o aspecto espiritual do arquétipo do Self proporciona ao indivíduo a compreensão de que existe uma força maior que move suas ações e que amplia o significado de sua vida. O arquétipo do Self é a imagem de Deus, do Divino, do Ser Supremo e Total. (Jaffé, 1995)

Para Jung, os arquétipos seriam protótipos de conjuntos simbólicos gravados nas profundezas do inconsciente, manifestando-se como estruturas psíquicas praticamente universais, inatas ou herdadas que se expressam através de símbolos carregados de potência energética, desempenhando um papel muito importante na evolução da personalidade. Os símbolos arquetípicos ligam o universal ao individual. (Jung, 2000, par. 6)

Encontramos nas religiões, ao longo da história da civilização, diferentes tipos de representações simbólicas que nos expõem arquetipicamente o direcionamento sagrado para a evolução do indivíduo em seu processo de individuação.

Pretendo, neste artigo, realizar algumas reflexões sobre o ensinamento sagrado da integração dos opostos expressos ao longo da história cristã que, simbolicamente, contribuem como direcionamento para o avanço no processo de individuação do ser humano.

A necessidade psíquica de evolução, através da integração dos opostos, se apresenta desde sempre à humanidade por meio de símbolos que conduzem a este aprendizado; no antigo testamento está descrito que Deus introduziu esta questão desde a criação do universo.

No Gênesis, podemos ver que: “No principio Deus criou os céus e a terra (...) Disse Deus: Haja luz e houve luz. E viu Deus que a luz era boa, e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz dia, e às trevas, noite.” (Gênesis cap.1- versículos 1,3,4 e 5)

Deus segue a criação com os animais em pares, enfatizando: “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Gênesis cap.1 - versículo 22) Criou também os opostos, homem e mulher e do solo fez nascer a árvore do conhecimento do bem e do mal.

Podemos pensar que Deus, desde o início da criação, manifestou o ensinamento da importância dos opostos, demonstrando que cada polaridade deve ter seu lugar bem estabelecido como parte de um todo maior, bem como, a necessidade da relação fecunda entre as polaridades.

Podemos ver também que inicialmente Deus estabeleceu ao homem e à mulher a oportunidade de viver o lado positivo de sua criação. Deus lhes ofereceu, primeiramente, o paraíso. Entretanto, mostrou-lhes a árvore do conhecimento do

bem e do mal e lhes disse: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gênesis cap. 2- versículos 16 e 17)

Entretanto, Adão e Eva desobedeceram as indicações do Senhor e, assim, foram expulsos do paraíso. Deus, então, lhes concedeu também a oportunidade de viver o lado negativo de sua criação. Podemos pensar que, quando Deus falou de morte com relação à árvore do conhecimento do bem e do mal, poderia estar se referindo à morte da experiência plena do positivo.

Antes da expulsão do paraíso, Deus castigou a mulher dizendo: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.” (Genesis cap.3 “versículo 16)

E em seguida, castigou o Homem: “Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias da tua vida” (Gênesis cap. 3 “versículo 17) “No suor do rosto comerás o teu pão até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás.” (Gênesis cap. 3 “versículo 19)

Vemos aqui que o próprio Deus tem em si os opostos, ou seja, um lado positivo, benevolente e também um lado negativo e amaldiçoador.

Segundo Jung: “Embora o conceito de Deus seja, assim, um princípio espiritual par excellence, (...) Deus seria não só a essência da luz espiritual que aparece como a flor mais recente da evolução, não só a meta espiritual da redenção na qual culmina toda a criação, não só o fim e o alvo derradeiro, mas também a causa mais obscura e ínfima das trevas da natureza. Este é um tremendo paradoxo que reflete obviamente uma profunda verdade psicológica. De fato, ele não exprime senão o caráter contraditório de uma só e mesma entidade cuja natureza mais íntima é uma tensão entre os opostos.” (Jung, 1991, par. 103) .

Vemos que, arquetipicamente, todos os relacionamentos ocorrem a partir das polaridades psíquicas, tanto Deus quanto os seres humanos fazem uso do bom e do ruim sempre que necessário.

Voltando ao castigo, vale ressaltar que Deus não priva Adão e Eva do bom, pois eles continuam tendo a si mesmos, tendo um ao outro, tendo a capacidade da multiplicação, a terra para ser semeada, a natureza ao seu dispor e também a relação e orientação do Sagrado. Entretanto, já possuem também a consciência dos opostos e o conhecimento do negativo da criação, negativo este que teve que ser vivido por eles através do sacrifício, da fadiga, das dores, ou seja, através do sal da alquimia, do sangue, do suor e das lágrimas.

E sendo assim, a partir deste castigo e destes ensinamentos, a humanidade se desenvolveu. Surgiram os primeiros descendentes de Adão e Eva, Caim e Abel. Neste momento, da história cristã, podemos ver Deus nos ensinando o que fazer com o mal que existe em nós, através de sua relação com Caim.

Caim e Abel ofereceram um presente a Deus, cada qual o presenteou com o seu trabalho, ¶trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura destes.¶ Deus se agradou da oferta de Abel, mas da oferta de Caim ele não se agradou. (Gênesis cap. 4 ¶ versículo 3,4 e 5)

Vemos que o ato de desagrado de Deus, além de novamente demonstrar os opostos, agrado e desagrado, desencadeou em Caim uma ira, a mesma ira que muitos de nós já sentiram quando não receberam do outro o que esperavam.

Parece que Deus provocou o sentimento negativo como forma de gerar aprendizado, pois é no negativo, na dor, na tristeza que, segundo Jung, o indivíduo amplia sua consciência. Arquetipicamente vemos que Deus, após frustrar Caim, demonstrou que estava atento e lhe trouxe o ensinamento:

¶Por que andas irado? e por que descaiu o teu semblante?¶ Pergunta Deus a Caim ¶Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz a porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo¶ Gênesis cap. 4 ¶ versículos 6 e 7)

Vemos, neste ensinamento, que tudo o que fizemos ou sentirmos pelos outros a nós mesmos retornará, ou seja, tudo o que for plantado será colhido. Vemos também que Deus não ensina a Caim que ele deva extinguir o mal que está sentindo, mas sim dominá-lo, sendo que dominar o mal significa exercer influência sobre ele, ter autoridade e poder para direcioná-lo. (Dicionário Aurélio, pág. 699)

Pensando nesta questão, vemos aqui a necessidade do reconhecimento do mal ou da sombra, como diz Jung, como parte integrante da psique total. Pois, somente é possível dominar aquilo que se conhece, sendo que do contrário o mal não será dominado e irá ferir a si mesmo.

Do ponto de vista psíquico, reconhecer a sombra nos possibilita desenvolver um relacionamento progressivo com ela, levando-nos ao reencontro com as nossas potencialidades enterradas nas profundezas da psique.

Segundo Zweig e Abrams, a partir do reconhecimento da sombra podemos:

¶Chegar a uma auto aceitação mais genuína, baseada num conhecimento mais completo de quem realmente somos; desativar as emoções negativas que irrompem inesperadamente na nossa vida cotidiana; nos sentir mais livres da culpa e da vergonha associadas aos nossos sentimentos e atos negativos; reconhecer as projeções que matizam as opiniões que formamos sobre os outros; curar nossos relacionamentos através de um autoexame mais honesto e de uma comunicação mais direta¶. (Zweig & Abrams (orgs), 1991, pág.24)

Entretanto Caim não compreendeu a lição e continuou irado com Deus e com Abel, não conseguiu se apropriar da sua frustração pelo desagrado da sua oferta, e tão pouco conseguiu dominar seu sentimento negativo, ou seja, sua raiva; continuou mantendo o ruim projetado no outro. Sendo assim, conta a história que Caim matou

Abel e o seu próprio ruim, não consciente, o conduziu ao castigo de se tornar fugitivo e errante sobre a terra. (Gênesis cap. 4, versículo 8)

Tal castigo se fez presente, pois tudo o que é plantado é colhido, é a lei do retorno, como disse Deus a Caim: "... o seu desejo será contra ti..."

Segundo Jung: "...Conforme o destino, a sombra acompanha a luz. Entretanto a inteligência não poderá deduzir daí nenhuma receita prática, pois a inevitabilidade em nada diminuirá a culpa do mal, como tão pouco o mérito do bem. O valor negativo permanece negativo, e toda a culpa será paga mais cedo ou mais tarde. (...) O mal não pode ser extirpado de modo definitivo; constitui ele uma parte inevitável da vida..." (Jung, 1997, par. 195)

Ampliando a lei do retorno para a humanidade como um todo, vemos que Deus percebendo que: "... a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mal todo o desígnio do seu coração..." (Gênesis cap. 6 - versículo 5) Se reportou a Noé e lhe disse que acabaria com toda a humanidade. Sendo assim, a plantação do mal coletivo teve como colheita uma grande catástrofe, o dilúvio.

Podemos perceber neste momento da história cristã que o mal havia ganhado proporções ampliadas na humanidade, sendo que para tanta sujeira simbólica foi necessária muita água, 40 dias de chuva ininterrupta, para lavar e fazer morrer a unilateralidade individual e coletiva, expressa aqui pelo mal. Entretanto, Deus continuou apostando na vida e na capacidade humana de viver sob os ensinamentos do seu grande mistério, por isso salva os opostos, salva um par de cada espécie animal que habitava a terra e salva Noé, que era um homem justo com as leis divinas, sua esposa, seus filhos e suas esposas, todos em pares. (Gênesis cap. 7- versículo 17)

Podemos pensar com isso duas questões importantes, a primeira, é que a salvação do indivíduo e do coletivo está na integração dos opostos, no equilíbrio entre as polaridades, na importância do relacionamento entre os pares como possibilidade da união plena e evolução das espécies através do encontro com seu semelhante, sendo que Deus salva as espécies de par em par. E a segunda, é o efeito do funcionamento da psique individual no coletivo.

Com relação à segunda questão, Jung escreveu:

"A psique é um fator de perturbação das leis do cosmo, e se algum dia conseguíssemos causar algum dano à Lua, através da fissão atômica, isso seria obra da psique. (...) A psique é o eixo do mundo; e não é só uma das grandes condições para a existência do mundo, em geral, mas constitui uma interferência na ordem natural existente, e ninguém saberia dizer com certeza onde esta interferência terminaria afinal." (Jung, 1991, par. 422 e 423)

A tábua das esmeraldas reforça esta questão na importante frase: "O que está dentro é como o que está fora".

Após o dilúvio, a vida se reconstruiu, mas o ensinamento da importância da integração dos opostos pareceu ainda não ter ficado claro ao homem, Deus, então, enviou ao mundo seu filho, Cristo, o salvador.

A imagem arquetípica de Cristo e sua crucificação traz o ensinamento da necessidade do sacrifício na integração dos opostos para a evolução individual e coletiva, sendo que se trata de uma imagem que se perpetua a mais de dois mil anos tocando simbolicamente toda a humanidade.

Ampliando a simbologia da cruz, vemos que ela representa a salvação e a paixão do salvador. Simboliza o crucificado, o Cristo, o salvador, o verbo. A história da cruz de Cristo é que sua madeira veio de uma árvore plantada por Seth sobre o túmulo de Adão e teve seus fragmentos espalhados, depois da morte de Cristo, através de todo o universo. Onde está a cruz aí está o crucificado.

Podemos pensar que os fragmentos da cruz de Cristo espalhados pelo universo possam estar representando a necessidade de que o ensinamento sagrado da crucificação esteja ao alcance de todos, como contribuição para a evolução individual e coletiva.

Segundo Chevalier, a cruz é o símbolo mais universal e mais totalizante. "Ela é o símbolo do intermediário, do mediador, daquele que é, por natureza, reunião permanente do universo e comunicação terra e céu, de cima para baixo e de baixo para cima. É a grande via de comunicação. (...) Ela explica o mistério do centro. É difusão, emanação... mas também ajuntamento e recapitulação." (Chevalier e Gheerbrant, 1999, pág.309, 310)

"O símbolo da cruz é uma união dos contrários, que se deve comparar a (...) união do Yang e do Yin." (Chevalier e Gheerbrant, 1999, pág.314)

Podemos perceber o ensinamento da integração dos opostos, bem como a importância da relação estabelecida entre as polaridades. Vemos que a cruz traz como símbolo a possibilidade de integração das polaridades. Reconhecer e integrar este ensinamento da cruz pode conduzir o indivíduo à experiência de plenitude do centro.

A partir desta integração "A cruz se torna o Paraíso dos Eleitos(...) é, então, o símbolo da glória eterna, da glória conquistada pelo sacrifício e culminando numa felicidade extática." (Chevalier e Gheerbrant, 1999, pág.312)

"A cruz recapitula a criação, tem um sentido cósmico. É por isso que Ireneu pôde escrever, falando do Cristo: "Ele veio sob uma forma visível para junto do que lhe pertence, e ele se fez carne e foi pregado na cruz de modo a resumir em si o Universo". (Chevalier e Gheerbrant, 1999, pág.312)

Partindo agora para a simbologia de Cristo, segundo Chevalier: "muitos autores viram no Cristo a síntese dos símbolos fundamentais do universo: o céu e a terra, por suas duas naturezas " divina e humana; o ar e o fogo, por sua ascensão e sua descida aos infernos; o túmulo e a ressurreição; a Cruz, o eixo e o centro do

mundo...? Oposições importantes reunidas num único símbolo. (Chevalier e Gheerbrant, 1999, pág.304)

Edinger também cita Cristo como sendo tanto Homem quanto Divindade, segundo este autor: como Divindade, o Si-mesmo se coloca à disposição no sentido de deixar sua condição eterna, não-manifesta, e de compartilhar a condição humana, indicando que a psique arquetípica tem uma tendência espontânea para alimentar e apoiar o ego. Fato este, observado, ao longo de toda a descrição sagrada apresentada até aqui. (Edinger, 1992)

E como Homem, Cristo é levado à cruz com angústia, mas voluntariamente, pois compreendeu o sacrifício como parte de seu destino. No sentido egóico: "... a crucificação constitui uma suspensão paralisadora entre contrários. Ela é aceita relutantemente a partir da necessidade interna de individuação...". (Edinger 1992, págs. 209 e 210)

Refletindo sobre a imagem de Cristo crucificado e sua importância, podemos extrair como ensinamento central a necessidade do sacrifício através da integração dos opostos, como caminho para a evolução individual que conduz consigo a evolução coletiva.

Sobre os contrários Cristo indica o caminho:

"... diz o senhor no mistério: Se não fizerdes o direito como o esquerdo e o esquerdo como o direito, o em cima como o embaixo e o que está atrás como o que está à frente, não conseguireis o reino (dos céus)". (Jung, 1988, par.436)

"(...) quando os dois forem um só, o exterior for igual ao interior e o masculino se juntar ao feminino, deixando de ser o masculino e o feminino". (Jung, 1997, par. 193)

Além de ter salientado a importância da integração dos opostos, Cristo deixa claro que tal caminho somente será atingido através do sacrifício, através do sofrimento, sendo esta uma etapa sine qua non para a evolução.

Vemos o próprio Cristo reforçando esta questão nos seguintes versículos: "Enquanto dançares considera o que estou fazendo; vê que este sofrimento que eu quero sofrer é o teu (sofrimento), pois não compreenderias o que é sofrer, se meu pai não tivesse me enviado a ti como Palavra (Logos) (...) Se conhecesse o sofrimento, possuirias a impassibilidade. Conhece, pois, o sofrimento e terás a impassibilidade (...) Reconhece em mim a Palavra da Sabedoria". (Jung, 1988, par.415)

Vemos, então, todos os ensinamentos sagrados descritos acima indicando que a integração dos opostos é um grande caminho a ser seguido pela humanidade e que este caminho não poderá ser seguido sem sacrifício. Deus indicou simbolicamente o que devemos fazer para adquirir a consciência da totalidade que nos abarca e a forma para realizar tal processo, que parece ser tão importante visto todas as vezes que se manifestou ao longo da história cristã.

A integração dos opostos se refere a um resgate da unicidade original que foi quebrada quando Adão e Eva comeram da árvore do conhecimento do bem e do mal. Alquimicamente falando, Adão e Eva, no paraíso, estavam representando o estado de brancura ingênua que representa, segundo Hillman: "O branco primário da matéria prima, a cândida da inocência imaculada". Após a queda e o contato direto com o mal, tanto Adão e Eva quanto os seus descendentes passaram a viver um estado de nigredo que parece ter se perpetuado por diversas gerações. (Hillman, O amarelamento da obra, pg. 8)

O estado de nigredo é um estado no qual o preto representa uma quebra de paradigmas. Segundo Hillman:

"O preto (...) dissolve o que quer que reconheçamos confiantemente como real e caro. Sua força negativa retira da consciência suas noções dependentes e confortantes de bondade. Se o conhecimento é bom, então o preto o confunde com nuvens de ignorância; se a vida é boa, então o preto representa a morte; se as virtudes morais são boas, então o preto significa o mal. (...) Ao desconstruir a presença na ausência, a nigredo torna possível a transformação psicológica." (Hillman, 2011, pág.136)

Sendo assim, o preto da nigredo tem a finalidade de desconstruir (solve et coagula) aquilo que se tornou uma identidade. "É uma iteratio; o preto se repete para que a desconstrução continue". Contribuindo, assim, para a união dos opostos. (Hillman, 2011, pág.137)

Vejo que o Dilúvio pode ter representado uma tentativa sagrada de impor à humanidade uma mudança no processo de nigredo rumo à próxima etapa da evolução. Entretanto parece que a nigredo se perpetuou projetada no mundo até a vinda de Cristo, pois foi ele que trouxe à humanidade o ensinamento de que o reino de Deus está dentro de nós e assim trouxe a responsabilidade da transformação para cada um através do esforço interno de trabalhar a sombra e redimir a si mesmo.

Cristo com sua simbologia universal, como foi descrito anteriormente, pode estar resumindo em si todo o ensinamento da opus alquímica, bem como do processo de individuação.

Para a opus alquímica ser realizada primeiramente era necessário a Deo concedente, ou seja, o consentimento sagrado para que a obra se realizasse. Cristo é um símbolo da Deo concedente, pois traz em si a própria encarnação do sagrado, tendo suas ações guiadas pelo Pai. (Edinger, 2004)

Além da Deo concedente, o alquimista precisava se dedicar ao estudo, à oração e ao labor. Vemos que Cristo também traz em si estas questões, com relação ao estudo e à oração. Cristo é o Verbo e representa a palavra a ser seguida, vivida e estudada através da fé. Quanto ao labor, este se refere ao trabalho alquímico; o trabalho solitário que requer dedicação e sacrifício por parte do artífice, representado por Cristo em sua solitária crucificação.

Podemos entender o sacrifício da crucificação como representante da integração do negativo com o positivo, num processo que visa ao clareamento do preto da nigredo rumo à albedo.

Uma das importantes facetas do sacrifício é reconhecer e se apropriar das projeções para que se possa retirá-las do mundo. Falo aqui de sacrifício, pois é um sacrifício para o ego com pouca consciência de si se apropriar do seu funcionamento, sendo que, geralmente, culpa o outro pelos seus fracassos e frustrações, e se a culpa é do outro.

Identificar e retirar as projeções do mundo traz ao indivíduo a consciência dos inimigos internos, sendo que isso não é tarefa nada fácil. Nesta fase do processo, o indivíduo se torna consciente do mal em si mesmo. Sobre esta questão Nietzsche colocou: “procurei o pior no mundo e encontrei a mim mesmo”. (Ver referencia)

Sendo assim, vemos que para sair da nigredo deve-se viver a própria nigredo. Como nos disse Hillman: “... enxergar por meio do preto, enxergar o habitual como um mistério, o aparente como o ambíguo, transforma fixações concretas em imagens metafóricas. Esta é a emancipação da nigredo do literalismo. Semelhante cura semelhante; curamos a nigredo tornando-nos (...) mais pretos que o preto”. (Hillman, 2011, pág.145)

Segundo Jung:

À medida que cresce a compreensão psicológica, mais e mais se impede também a projeção da sombra. O acréscimo de conhecimento leva logicamente ao problema da união dos opostos. Por isso se chega primeiro ao conhecimento de que não se deve projetar nos outros a própria sombra, e a seguir de que não há vantagem nenhuma em insistir que a culpa é do outro, porque é muito mais importante conhecer e reconhecer como sua a própria culpa, por ser ela uma parte do próprio si-mesmo e também a condição sem a qual nada poderá se realizar.” (Jung, 1997, par196)

A partir da ampliação da consciência de si mesmo, bem como da retirada de projeções e integração dos opostos que o compõe, o indivíduo clareia sua obra e passa a experienciar a tranquilidade da albedo.

Segundo Hillman, a albedo refere-se a uma etapa do processo alquímico, na qual as questões caminham bem e suavemente, trata-se de um período doce com insights e conexões sincronísticas, a realidade psíquica é sentida e vivida com invulnerabilidade e fé psicológica, onde tudo parece se encaixar. Citando Jung, Hillman coloca: “essa é a primeira principal meta da obra e muitos alquimistas ficam satisfeitos parando por aqui, levando a obra a descansar em paz prateada.” (Hillman, 2011, pág. 323)

Sendo assim, proponho que tentemos refletir sobre os dias de hoje. Sobre o que estamos fazendo conosco e com o mundo? O quanto estamos conseguindo aprender essas lições do sagrado que se debruçam sobre nossas vidas a todo o momento? O que conseguimos aprender com os sinais do dia a dia que mostram o mal, a corrupção, os excessos na comida, na sexualidade, nas drogas, os excessos

de consumo em prol do ter? O quanto estamos conseguindo ver o desequilíbrio dos opostos instalado no mundo e o quanto nos apropriamos de nós mesmos para fazer a diferença? O quanto somos capazes de retirar as projeções ou o quanto estamos presos a elas? Será que o mal está só no outro? Fácil ver que sim. Por exemplo, temos um sério problema com o lixo, e o que fazemos nós com o nosso lixo? O quanto estamos corrompidos por essa era descartável e consumista? É fácil criticar um viciado em drogas, mas difícil é se reconhecer viciado em trabalho, viciado em relações virtuais, viciado no ter.

Olhar para essas questões, bem como se apropriar conscientemente delas se torna um grande recurso para a evolução, sabendo não ser esta uma tarefa fácil, sendo necessário se entregar ao sacrifício.

Podemos concluir então que grande parte dos ensinamentos cristãos enfatiza a necessidade do sacrifício para que a integração dos opostos seja estabelecida, sem a dor a alegria deixa de ser uma conquista, sem o escuro o claro não existe, sem o feio o bonito nada significa. É no contraste entre a luz e as sombras que se faz uma bela pintura da vida. É na integração dos opostos que o equilíbrio se faz presente no funcionamento individual e coletivo de uma civilização. Espero que possamos cada vez mais ampliar nossa consciência a respeito da importância desta questão, para fazermos o que está ao nosso alcance para salvarmos a nós mesmos e a este planeta que está à mercê do nosso funcionamento.

Bibliografias

Bíblia Sagrada

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

EDINGER, Edward F.. 1992. Ego e Arquétipo. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix.

EDINGER, Edward F..2004. Anatomia da Psique e O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia. 11ª ed. São Paulo: Editora Cultrix.

FERREIRA, A.B.H..2004. Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa. 3ª edição, Curitiba: Editora Positivo.

HILLMAN, J.. 2011. Psicologia Alquímica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

JAFFÉ, A.. O Mito do Significado. São Paulo: Cultrix, 1995

JUNG, C.G. 1988. Obras Completas de C.G. Jung: Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. Vol.XI. 3ª ed. Petrópolis: EditoraVozes.

JUNG, C. G.. 1991 A Dinâmica do Inconsciente. Vol. VIII. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C. G.. 1997. *Mysterium Coniunctionis*. Vol. XIV/1. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C. G. 2000. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. vol. IX/1. Petrópolis: Editora Vozes.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (orgs.) 1991. Ao Encontro da Sombra – O Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana. São Paulo: Editora Cultrix.